

Pandemia de Coronavírus: reflexos na sociedade

Victor Hugo Romera Santos¹

A doença COVID-19, causada pelo vírus Sars-Cov-2, tomou proporções pandêmicas, nos colocando em um novo patamar de autopreservação e isolamento social. O vírus, identificado pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, no final de 2019, vem se espalhando através do mundo, infectando nações e colocando os países em estado de isolamento.

Todavia, essa pandemia não se resume, exclusivamente, à área da saúde, mas também traz consequências a âmbitos como a economia, a sociedade e o meio ambiente. A atual situação a qual estamos passando não pode ser analisada a partir de um fenômeno isolado, mas sim a partir de perspectivas sociais e econômicas, por esse motivo, compartilho algumas observações sobre os reflexos que a pandemia tem provocado em nossa sociedade e meu ponto de vista sobre o que ela pode nos deixar de positivo.

Para exemplificar, temos o problema da saúde pública, o SUS (Sistema Único de Saúde) já sofria com escassez de recursos e de profissionais qualificados muito antes da pandemia, contudo, a partir dela, esse desfalque ficou mais claro: temos assistido a profissionais exauridos, insuficiência de equipamentos de proteção individual (EPIs) e unidades de terapia intensiva (UTIs) em sua capacidade máxima, dando indícios da falta de leitos para corresponderem ao avanço dos infectados, assim apontado por Elias Knobel, fundador da UTI do Einstein.

Por outro lado, a população, por ignorância ou por negligência, persiste em ignorar as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), desprezando os limites do isolamento social e a quarentena inicialmente propostos, pondo assim os agentes de saúde, primeira linha de defesa contra o vírus, em risco.

Além disso, podemos citar o caso de gênero: como a maioria desses profissionais são mulheres, elas estão expostas a outro risco. Assim como a notícia do G1 que veio ao ar no mês de maio, casos de violência contra a mulher aumentaram em 30% durante a quarentena. Em especial, essas mulheres devem estar sob uma constante pressão por temerem tanto seu lar quanto seu ambiente de trabalho.

¹ Discente no Curso Licenciatura em Química - Instituto Federal de São Paulo, Câmpus Matão, victorromera2703@gmail.com

Outro problema que a pandemia tornou visível é o problema de urbanização, como as moradias e a mobilidade urbana. Sabemos que as pandemias são produtos da urbanização, uma vez que as cidades crescem tanto em população quanto em extensão, aproximando assim as relações interpessoais e os contatos físicos, promovendo, por sua vez, a proliferação do vírus em questão. Assim, a pandemia de Covid-19 evidenciou a desigualdade social, o que pode ser constatado pela extrema diferença das formas de isolamento. Enquanto algumas pessoas passam esse período conturbado em suas gigantescas mansões, outras compartilham um minúsculo quarto com uma família. Enquanto alguns podem se locomover, se essa locomoção for necessária, dentro dos seus carros, isolados, outros precisam de condução comum, às vezes, lotadas.

Presenciamos também, a opressão social que a população menos abastada sofre. Certo setor da sociedade vive em uma espécie de *apartheid* sanitário, em que não há saneamento básico e muito menos acesso à água tratada. Essas pessoas não têm a mínima opção de prevenção, como o simples ato de lavar as mãos adequadamente, e somente possuem acesso à saúde pela simples razão de ela ser pública e gratuita.

Por outro lado, sob uma perspectiva econômica, o Brasil estava em recessão desde 2014, com alto índice de desemprego e informalidade. Entretanto, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil (IBC-Br) apontou uma alta de 0,35% em fevereiro deste ano. Contudo, com a epidemia do novo coronavírus já víamos os primeiros efeitos logo no fim do primeiro trimestre com uma queda de 1,95% na atividade econômica, publicado em abril pela revista *Veja*.

Com os comércios e estabelecimentos fechados, seguindo o isolamento, e setores industriais fechando filiais, muitos trabalhadores perderam suas fontes de renda e alguns, sejam eles trabalhadores formais ou não, devem escolher entre se arriscar ao vírus ou permanecer em isolamento e não pagar suas contas. Viver em quarentena não é uma questão de democracia, de responsabilidade social ou de consciência, mas sim de privilégio. Enquanto alguns conseguem se adaptar ao trabalho remoto, outros não possuem tal luxo e, muitas vezes, esse privilégio é discursivizado a partir da lógica neoliberal, para a qual o sucesso das pessoas é fruto exclusivo de seus esforços e não das condições básicas que deveriam ser garantidas pelo Estado.

Seguindo esse pensamento, podemos citar a questão da biopolítica pelas palavras do filósofo Foucault (1978): “os instrumentos que o governo se dará para obter esses fins [atendimento as necessidades e desejos da população] que são, de algum modo, imanentes ao campo da população, serão essencialmente a população sobre o qual ele age”. Em outras palavras, o Estado indica os trabalhos ditos essenciais que devem permanecer funcionando - às

vezes sem os devidos cuidados -, ou seja, essa instituição escolhe os corpos que devem viver e quais são descartáveis. Nesse aspecto, a biopolítica se converte em uma necropolítica quando os regimes de desigualdade determinam quais corpos devem viver o risco.

Por um âmbito ambiental, a atual crise pandêmica de coronavírus faz-nos reavaliar a situação do meio ambiente, uma vez que com o ‘*lockdown*’ (expressão inglesa que, na tradução literal, significa confinamento ou fechamento total), constatou-se uma significativa redução na emissão de poluentes.

Outro panorama é o de que a pecuária industrial tem se intensificado, provocando assim um aumento do desmatamento e da destruição de habitats, alterando por sua vez o nicho ecológico desses locais, podendo se tornar tão invasiva ao ponto de interferir, por exemplo, na população de morcegos. Esse mamífero é um animal notoriamente conhecido por portar vários tipos de doenças, entre elas algumas zoonoses, que afetam os seres humanos. Se continuarmos com essa interferência, desencadearemos crises virais piores que a que estamos vivenciando.

A pandemia, em suma, é negativa, porém, a partir dela podemos retirar pontos de reflexão para nosso desenvolvimento. Ela trouxe visibilidade a vários problemas sociais e ambientais e, com isso, podemos repensar nosso estilo de vida, nosso consumo, nossas relações e, inclusive, nossos privilégios. Se houver verdadeiro êxito em mudanças comportamentais generalizadas, podemos, em breve, presenciar revoluções benéficas para a vida na Terra, como por exemplo, uma revolução verde, que seria a redução geral do uso de combustíveis fósseis. Dessa forma, precisaremos buscar alternativas de recuperação da economia que tenham por objetivo o mínimo impacto ambiental possível, por exemplo, reduzir e limitar a emissão de gases.

Entretanto, não podemos esperar que as grandes empresas, que visam prioritariamente à mais-valia, destinem uma parcela de seus investimentos à recuperação e preservação do meio ambiente. Uma vez que tal ação reduziria o lucro dessas instituições, contradizendo o princípio que tanto prezam. Por isso, temos que exigir, enquanto cidadãos, que ações ecológicas propostas, por exemplo, por conferências internacionais sobre o meio ambiente, deixem de ser teoria e comecem a ser praticadas. Faz-se necessária, por exemplo, a antecipação da RIO+30, que aconteceria somente em 2022, para a discussão e imposição de práticas que tornem nossa vida na Terra mais sustentável, fazendo-nos viver em completa sintonia com a natureza.

Referências

POLUIÇÃO diminui 50% em países da europa com ‘lockdown’ por coronavírus. **Notícias UOL**, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/04/16/poluicao-diminui-50-em-alguns-paises-da-europa.htm>>. Acesso em: 11 de jun. de 2020.

QUINTINO, Larissa. Antes do coronavírus, atividade econômica cresceu 0,35% em fevereiro. **VEJA**, 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/antes-do-coronavirus-atividade-economica-cresceu-035-em-fevereiro/>>. Acesso em: 11 de jun.de 2020.

AUMENTO de violência contra mulher em tempos de quarentena. Assembleia Legislativa do **Estado de São Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?23/04/2020/aumento-de-violencia-contramulher-em-tempos-de-quarentena>>. Acesso em 11 de jun.2020.

BORGES, Beatriz; LARA, Wallace. Casos de violência contra mulher aumentam 30% durante a quarentena em SP, diz MP. **G1**, 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/13/casos-de-violencia-contramulher-aumentam-30percent-durante-a-quarentena-em-sp-diz-mp.ghtml>>. Acesso em 11 de jun.2020.

O que é o coronavírus. **CORONAVÍRUS**, 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.es.gov.br/>>. Acesso em 09 de jun.2020.

SPONCHIATO, Diogo. Coronavírus: como a pandemia nasceu de uma zoonose. **VEJA**, 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-pandemia-zoonose/>>. Acesso em 09 de jun. 2020.

GRUBER, Arthur. A origem do Sars-CoV-2. Pfarma,2020. Disponível em:<<https://pfarma.com.br/coronavirus/5439-origem-covid19.html>>. Acesso em 09 de jun.2020.

POR QUE os morcegos, considerados possível fonte do coronavírus, transmitem tantas doenças. **BBC**, 2020. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51453567>>. Acesso em 09 de jun.2020.

Pandemia escancarou falta de leitos e estresse de profissionais, diz criador da UTI do Eistein. **AMIB**, 2020. Disponível em:< <https://www.amib.org.br/noticia/nid/pandemia-escancarou-falta-de-leitos-e-estresse-de-profissionais-diz-criador-da-uti-do-einstein/>>. Acesso em 09 de jun.2020.